**O MITO DOS VIGILANTES: PRINCIPAIS TEMAS E SUA INFLUÊNCIA NO IMAGINÁRIO E NA LITERATURA BÍBLICA**

**Introdução**

Podemos estabelecer uma linha de continuidade e evolução entre a ideia do mal, o conceito de demônio e o medo/ódio à mulher presentes no judaísmo tardio e no Novo Testamento. A princípio, o mal e o bem provinham de Iahweh, até por causa da crença monoteísta diante de outras divindades estrangeiras, muitas identificadas com o mal. Assim, encontramos no livro de Lamentações 3.38 o seguinte: *“Acaso não procede do Altíssimo assim o mal como o bem?”* Vários textos do AT chegam a colocar satã como o lado mau de Iahweh ou um seu agente para praticar o mal, restrito às relações entre os próprios humanos.

Aos poucos, Iahweh foi sendo identificado apenas com o bem, e o mal, diante disso, teria, assim, uma origem diferente. Essa origem era vista como sendo incorporada a satã, antagonista de Iahweh. O cativeiro da Babilônia (587 a.C. – 538 a.C.) provou mudanças significativas no modo de ver o mal no Antigo Testamento com uma influência decisiva para a formação de uma demonologia mais definida no judaísmo. Os caldeus desenvolveram uma riquíssima demonologia – legiões de entidades semidivinas em cinco classes, cada uma com “sete demônios” e cada classe com seus atributos distintos, apesar de não consistirem necessariamente em espíritos malignos.

**O mal, o demônio e a mulher no Mito dos Vigilantes**

Pouco a pouco, foi surgindo a noção de uma esfera organizada do mal, hostil à soberania de Iahweh, onde seres do mal operam como anjos de satã para afastar os homens da convivência com Deus. Assim, a ideia do “demônio” entre os judeus só se define após o Exílio. Já nos séculos II a.C. e I d.C. encontramos uma vasta literatura apocalíptica com espíritos malignos que se arvoram em contrariar os desígnios do Criador (NOGUEIRA, 2000, p. 20). Neste período, surge o primeiro livro de Enoc que se destaca dentre vários outros livros extracanônicos. Nele encontramos o Mito dos Vigilantes sistematizando a demonologia judaica.

O mito conta que anjos nomeados por Deus para “vigiar” o Universo decaíram do céu perderam sua glória celestial, a partir do desejo carnal que estes “filhos de Deus” sentiram pelas mulheres humanas, conforme descrito em Gênesis 6. Uma versão conta que duzentos anjos, induzidos por seu chefe Semeiaza, fizeram um pacto para violar a ordem divina, coabitando com mulheres humanas, produzindo uma “raça de bastardos, os gigantes conhecidos como *nephilim*, que gerariam espíritos demoníacos”. Esses anjos decaídos espalhavam a violência entre os homens (NETO, 2006).

Entrelaçada a essa versão, o relato mostra como o arcanjo Azazel pecou, ao revelar a seres humanos os segredos da metalurgia, que proporcionou aos homens a fabricação de armas de guerra e às mulheres a confecção de adornos com ouro, prata e cosméticos. Assim, “os anjos decaídos e sua prole demoníaca incitaram ambos os sexos à violência, à cobiça e à luxúria” (PAGELS, 1996, p. 88).

Nos últimos séculos antes da nossa era, aparecem doutrinas de caráter escatológico nos numerosos Apocalipses (Enoque, Abraão, Moisés, etc.), popularizando a fé na recompensa e no castigo após a morte e “evidenciando uma maior incidência mística, na medida em que se intensifica o estado emocional coletivo através das guerras, das calamidades e das privações” (CROSSAN, 1994, p. 192). Estes textos mostram uma clara influência da mitologia grega, onde deuses e humanos se entrelaçavam em brigas, competições, rivalidades etc., e da astronomia persa na cultura e religião judaicas, interpretadas e condenadas pelos judeus tradicionais como obras de Satanás (CROSSAN, 1994).

Percebemos nos evangelhos sinóticos que, na Palestina à época de Jesus, havia uma proliferação demoníaca sem precedentes, em uma verdadeira guerra cósmica. O Evangelho de Marcos nos chama a atenção pela grande quantidade de exorcismos praticados por Jesus. Para Marcos, Jesus vive num confronto direto com Satanás. Este era simbolizado pela Lei Judaica, pela guerra e pela repressão romana, pelo preconceito, pela doença ou pelo templo[[1]](#footnote-1). A estratégia narrativa de Marcos, ligada à apocalíptica, se caracteriza por um dualismo radical (de origem persa), em que a nova ordem de Jesus, o Reino de Deus, se opõe fundamentalmente à velha ordem conservada e defendida pelos escribas, sempre presentes nas atividades de exorcismo (NETO, 2006).

Alguns autores chegam a defender que o Cristianismo Antigo nasceu como um movimento apocalíptico dentro do judaísmo. Existe uma verdadeira interdiscursividade e intertextualidade entre desses textos apocalípticos apócrifos e os textos do NT que revelam violência (s) simbólica (s) contra a mulher. A tradição judaica do segundo templo em geral e as obras cristãs posteriores mostram como a mulher foi alvo de grande preconceito, chegando, em alguns momentos, a ser vista como uma aliada das forças malignas. E a ancestralidade disso está no Mito dos Vigilantes e outros textos apócrifos.

Assim, a literatura bíblica neotestamentária depende diretamente, em algumas partes, das imagens do Mito dos Vigilantes, como em Judas 6; 1 Pedro 3,18-21 e 2 Pedro 2,4. E mais especificamente sobre o perigo representado pela mulher, como em 1 Co 11, 10; 1 Tm 2,9-11; 1Pd 3,3-4 e Ap 9,1-11. 12,9. Em 1 Tm 3,11 a mulher não deveria ser maldizente (em grego provém da mesma palavra para diabo). Em 1 Tm 2,12-15, mesmo que se remonte a narrativa de Adão e Eva, ainda traz a figura perigosa da mulher, por isso deveria ficar calada, e se limitar a maternidade, para sua salvação. Em 1 Pe 3,3-4 como é feito no Testamento de Rubens e 1 Tm 2,9-11, os enfeites e adornos são colocados em segundo plano, para que a modéstia e submissão sejam prioridades. Vemos o controle do corpo da mulher representado no discurso em torno da roupa e a ornamentação, fruto do pavor à potencialidade sexual da mulher (TERRA, 2015).

Para Terra (2011), é de grande valor aquele tipo de corpus literário, conhecido na academia como literatura apocalíptica:

O conhecimento mais técnico do mundo da apocalíptica judaica, sem nos esquecermos dos manuscritos encontrados em de Qumran, pode ajudar na compreensão das ideias que permeavam o contexto no qual o movimento cristão se articulou e construiu suas crenças e expectativas, como as encontramos no Novo Testamento (TERRA, 2011, p. 15).

O ódio contra o feminino está intrinsecamente ligado ao medo que rodeia a imagem da mulher que perpassou a Antiguidade, marcou a Idade Média e nos chega até os dias presentes em várias culturas, inclusive a nossa. O que gera toda a desgraça do mundo, segundo o Mito dos Vigilantes, e funda a cultura do caos é a beleza da mulher. Esta serviu de desestabilização da ordem cósmica (TERRA, 2008). Em Gênesis 3, é através da primeira mulher que se introduz o primeiro ato de desobediência às ordens de Deus. Segundo Collins (1992), o mito pode ser lido em momentos diferentes da história e aplicado em diferentes momentos de crise social, guerras e cataclismos. Na história da recepção do Mito dos Vigilantes, novas imagens aparecem dando à narrativa novos contornos. Contudo, as figuras centrais são preservadas e a mulher é sempre demonizada.

Em outro texto apócrifo, o livro de Jubileus (Sec. II a.C), é recontada a história do Gênesis, e novamente aparecem os anjos seduzidos pela beleza das mulheres e o nascimento de gigantes como resultado de relações sexuais. Por isso, a maldade aumentou na terra e Deus mandou o dilúvio. Após o dilúvio, Noé ora a Deus contra os demônios, os quais estavam desviando, cegando e matando os seus netos. Assim, o Senhor ordena aos anjos que os amarrem, e Mastema, um seu líder, pede a Deus que deixe com ele um décimo dos demônios. Mais uma vez, por causa da sexualidade feminina a maldade e os seres demoníacos invadem a terra. Também em Qumran, este mesmo mito é lido e aparece no Documento de Damasco, 4Q180, 1Q23 e outros10. Aqui, em especial, critica-se o olhar luxurioso da mulher e a obstinação contra Deus. Outro texto judaico que é influenciado pelo mito dos vigilantes é o Testamento de Rubens. Nele é instruído fugir da mulher, pois elas haviam enfeitiçado os Vigilantes (NETO, 2006).

**Considerações finais**

Por aí, podemos começar a compreender a centralidade do sexo ligado à mulher no viés fundamentalista de várias crenças religiosas de origem semita, inclusive entre os cristãos. Não dá para separar o mal e o demônio, de um lado, e a mulher e seu poder sedutor, de outro. Se a mulher é culpada da queda de seres da corte celestial, ela continua perigosa para todos os humanos e por isso sua ação e sua liberdade precisam ser controladas. Em momentos que acirram as reivindicações pela autonomia da mulher, ligadas aos direitos reprodutivos por exemplo, também se acirra uma reação fundamentalista de controle de seus corpos e de seus comportamentos. Podemos concluir que o Mito dos Vigilantes continua firme e forte no inconsciente sócio-religioso das sociedades ocidentais.

**Referências**

COLLINS, John Joseph. The apocalyptic technique: setting and function in the Book of Watchers. In: Catholic Biblical Quarterly 44.1 (1982): pp. 91-111.

CROSSAN, John Dominic. O Jesus Histórico: A vida de um Camponês Judeu do Mediterrâneo. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1994.

NETO, Antônio Lazzarini. O Mal: Transformações do Conceito na Tradição Judaico-Cristã. In: *Revista Theos*, 2. São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.revistatheos.com.br/Artigos%20Anteriores/Artigo_02_03.pdf>>. Acessado em 18.nov.2017.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. O Diabo no Imaginário Cristão. Bauru: EDUSC, 2000.

PAGELS, Elaine. As Origens de Satanás. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações S.A., 1996.

[TERRA, Kenner R. C.](http://lattes.cnpq.br/2210254997915529) Anjos aprisionados e pregação aos espíritos: 1 Enoque e o Novo Testamento. In: *Âncora*, v VI – Ano 6. São Paulo, 2011, p.1-16. Disponível em: <<http://www.revistaancora.com.br/revista_6/Kenner%20-%20Artigo%20Corrigido.pdf> >. Acessado em 19.nov.2017.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Misoginia cósmica na literatura judaico-cristã. In: *Revista do Jesus Histórico*, VIII: 15. Rio de Janeiro, 2015, p.103-109. Disponível em: <<http://www.revistajesushistorico.ifcs.ufrj.br/arquivos15/6-kenner.pdf>>. Acessado em 20.nov.2017.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. A construção da mulher perigosa: a leitura do Mito dos Vigilantes nas tradições judaicas e cristãs. In: *Oracula*, v. 8. São Bernardo do Campo, 2008, p. 183-201. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/oracula/article/view/5868/4742>>. Acessado em 21.nov.2017.

1. Ched Myers a concluir que o sentido desse ato poderoso de exorcizar demônios é uma reprodução simbólica do conflito social, em que facções rivais lançavam mão de Satanás para justificar suas diferenças. A rivalidade e o conflito social ocorreriam entre gente mais simples – camponeses, e a chamada “classe dominante” (escribas, fariseus e grandes proprietários de terras). Essa é outra possibilidade na forma de ver o exorcismo. Assim, o exorcismo acaba sendo o principal veículo para articular o mito do combate apocalíptico entre as potestades e Jesus, instigando seus seguidores a continuarem “exorcizando as forças malévolas da opressão [↑](#footnote-ref-1)